

FATORES QUE AFETAM A SAÚDE MENTAL NA ATIVIDADE POLICIAL MILITAR

FACTORS AFFECTING MENTAL HEALTH IN MILITARY POLICE ACTIVITY

MAGALHÃES, Rodrigo Soares¹
PERES, Melchisedeck Almeida Campos²

RESUMO

Este artigo discute os principais fatores que, no cotidiano das atividades policiais, afetam ou podem afetar a saúde mental do policial militar. Trata-se, portanto, de uma tentativa de mostrar o que os estudos sobre a questão mostram como sendo os fatores que estão mais presentes no cotidiano das atividades policiais. O objetivo do artigo é mostrar o mapa teórico da questão e como os resultados se alinham. Para isso utiliza-se como metodologia da pesquisa bibliográfica, que consiste no levantamento das principais pesquisas sobre o tema. Entre elas se destacam Dejours (1993; 2000), Salles, Sá (2016), Manano, Souza (2003) e Candido (2013): Finalmente, conclui-se que a saúde mental dos policiais militares tem necessidade de ser pensada, uma vez que esse profissional tem sofrido com muitos fatores que o levam à desistência da carreira ou a suspensão de suas atividades em função de problemas mentais.

Palavras-chave: Saúde Mental; Policial Militar; Medo.

ABSTRACT

This article discusses the main factors that, in the daily life of police activities, affect or can affect the mental health of the military officer. It is therefore an attempt to show what the studies on the issue show as being the factors that are most present in the daily routine of police activities. The purpose of the article is to show the theoretical map of the issue and how the results align. For this it is used the methodology of the bibliographical research, which consists in the survey of the main research on the subject. These include Dejours (1993; 2000), Salles, Sá (2016), Conano, Souza (2003) and Candido (2013): Finally, it is concluded that the mental health of military police officers need to be thought of, since this professional has suffered with many factors that it leads to the withdrawal of the career or the suspension of its activities due to mental problems.

Keywords: Mental health; Military police; Fear.

¹ Aluno do Curso de Formação e pós-graduação de Praças, Turma B, do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás-CAPM - digotecnologo@hotmail.com; Posse-Go, Março de 2018.

² Professor orientador: 2º Ten QOAPM - Cmt da 2º CDPM/24 BPM professor do programa de pós-graduação e Extensão; Chefe da Seção de Ensino do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás-CAPM, tenenteperez@hotmail.com, Posse-Go, Março de 2018.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo discute os principais fatores que afetam e podem afetar a saúde mental dos profissionais da polícia militar. Sabe-se que a profissão policial, é uma das mais complexas e necessárias. Não apenas pelo combate às mais variadas formas de desvio da norma e da criminalidade, mas também pelo seu caráter organizativo, cujo pleito é também uma série de atividades preventivas.

Além disso, não podemos deixar de lembrar que a sociedade brasileira tem passado, nos últimos anos por uma série de problemas estruturais que tem provocado o aumento da criminalidade em todos os níveis e classes sociais. Vejamos, por exemplo, os recentes casos de corrupção que assolam o Brasil, que não deixam dúvida sobre a importância das ações policiais para a manutenção da ordem. Isso ocorre no nível das relações institucionais, na garantia dos direitos dos políticos, na garantia do direito dos civis. Enfim, a cada dia o papel das forças policiais tem se mostrado mais necessário, pois, as decepções com os gestores públicos provocam, em muitas vezes, ações desesperadas por parte dos cidadãos.

Isso tudo desemboca sistematicamente no dia a dia dos policiais, pois, suas funções exigem dele ao mesmo tempo de zelar pela ordem da sociedade e de combater a criminalidade, o que interfere diretamente em outras atividades do cotidiano e até mesmo de suas relações com seus familiares. Esses fatores, que estão vinculados ao forte estresse do cotidiano das funções e atividades do policial, se intensificam nos policiais que estão diretamente ligados ao campo, isto é, os profissionais que combatem diretamente, estão na linha de frente, lidando diuturnamente com o perigo e com a morte. Esta, possivelmente um dos mais destacados fatores que podem influenciar no declínio da boa saúde mental desses profissionais. Nesse sentido, a pergunta que norteia esta pesquisa é a seguinte: Quais os fatores ligados ao trabalho que afetam negativamente a saúde mental dos policiais militares?

Metodologicamente esta pesquisa se estabelece no veio das produções qualitativas, que levam em consideração os processos e a complexidade das relações humanas. Esse tipo de pesquisa permite uma investigação que leve em conta as expectativas, particularidades e opinião de cada sujeito alvo da pesquisa. Nesse sentido Chizzotti enfoca que:

Em geral, a finalidade de uma pesquisa qualitativa é intervir em uma situação insatisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde o pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição reativa. No desenvolvimento da pesquisa, os dados colhidos em diversas etapas são constantemente analisados e avaliados. Os aspectos particulares novos descobertos no processo de análise são investigados para orientar uma ação que modifique as condições e as circunstâncias indesejadas. (CHIZZOTTI, 2010, p.89)

Dessa forma esse método de pesquisa não permite uma definição exata do estudo de caso pesquisado, consiste em uma investigação onde os dados poderão ser alterados de acordo com o surgimento de novas questões. Deste modo essa pesquisa buscou compreender os diversos fenômenos que a temática apresenta. Outro aspecto levantado por Chizzotti nos diz que:

A pesquisa qualitativa objetiva, em geral, provocar o esclarecimento de uma situação para uma tomada de consciência pelos próprios pesquisados dos seus problemas e das condições que os geram, a fim de elaborar os meios e estratégias de resolvê-los. (CHIZZOTTI, 2010, p.104)

Desse modo, esse método de pesquisa pretendeu valorizar os diferentes pontos de vista dos policiais sobre as questões analisadas, das evidências nas relações com o trabalho e o modo como elas afetam sua saúde mental. Compreender quais são os meios que a corporação tem possibilitado o reconhecimento e o combate desses problemas, e também instigar nos sujeitos alvo da pesquisa, uma reflexão acerca de sua participação e o acompanhamento dessa questão.

Nesse sentido, o melhor meio para qualquer tipo de resolução provisória ou permanente, requer o que conhecimento sobre a questão, especialmente quando se fala de problemas de ordem psicológica.

Para isso lançamos mão de autores como Dejours (1994; 2000) que possui uma longa trajetória de reflexão sobre o modo como o trabalho pode afetar a saúde mental. No âmbito da reflexão sobre a saúde dos policiais militares, privilegiou-se aqueles textos que propiciaram uma visão geral da problemática. Sendo assim, autores como Salles, Sá (2016), Manano, Souza (2003) e Candido (2013) contribuíram sistematicamente para a construção dessa pesquisa.

Nessa perspectiva, essa pesquisa pode propiciar à Polícia Militar do Estado de Goiás uma reflexão que entendemos ser necessária, pois abre caminhos para se refletir sobre o modo como a saúde mental dos Policiais Militares de Goiás

se encontra, podendo-se agir seja nos procedimentos de ajuda ou até mesmo em ações de prevenção aos distúrbios afetivos e mentais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

No âmbito das relações humanas o estresse acabou se tornando, nos últimos anos, um problema comum. Boa parte desse estresse está vinculado ao trabalho, especialmente trabalhos mais desgastantes, pois como salienta Dejours (2000) o trabalho produz no ser humano um sentimento paradoxal, pois pode produzir prazer e desprazer. Nessa perspectiva, parece ser importante entender que a condição de estresse se apresenta como uma espécie de reação do organismo humano frente a situações conflituosas e de perigo.

Ele prepara o corpo para fugir ou lutar. Existem muitas coisas que disparam os mecanismos do estresse, que podem ser externas ou internas, agudas ou crônicas. As externas incluem condições físicas adversas (como dor, frio ou calor excessivo) e situações psicologicamente estressantes (más condições de trabalho, problemas de relacionamentos, insegurança e outras). Entre as internas, estão também as condições físicas (doenças em geral) e psicológicas (NICOLAU, 2009, p. 47).

No caso de carreira militar, tal condição apresenta-se com uma complexidade ainda maior, uma vez que se trata de profissionais que atuam na manutenção da ordem das cidades e dos cidadãos. Para isso, em muitos casos é necessário o uso de força e das prerrogativas legais necessárias à imposição de um quadro de ordenamento social, concernente aos interesses da maior parte da população. Ainda assim é preciso considerar que nem sempre foi essa a percepção sobre a polícia. Discutindo o modo como se constituía a representação das forças policiais no Brasil, Sales e Sá (2016) argumenta que a figura do policial militar vem sendo vilipendiada, pois esteve majoritariamente vinculada aos espectros de opressão e autoritarismo. Os mesmos autores apontam para a possível origem desse processo:

A disputa em torno da memória histórica do regime militar, no Brasil, contribuiu para a consolidação dessa imagem negativa, carregada de simbolismos ligados à truculência desses atores sociais estatais. Para quem sofreu com a ação efetiva da polícia durante esse período, o medo e a repugnância das forças militares e policiais são comuns e frequentes (SALES; SÁ, 2016, p. 185).

O que ocorre, no entanto, é que essa imagem se choca com as ações do cotidiano policial que, especialmente em grandes centros urbanos, estão cada vez mais vinculadas à violência e à morte dos próprios policiais. Os casos constantes de morte de policiais no Rio de Janeiro e em São Paulo no ano de 2017, e a continuidade desses crimes ainda no início de 2018, mais exatamente no Estado do Rio de Janeiro, dão uma amostragem significativa do contexto onde os policiais

militares estão inseridos. Há, nesse sentido, a necessidade de se pensar. Só no Rio, em 2017 foram 134 policiais mortos. Portanto, no caso da polícia militar, fundamentalmente na efetivação de suas atividades e responsabilidades com a Segurança Pública, ele está ligado à complexidade de duas condições explicitadas por Dejours (1994, p.126): “Se, por um lado, as condições de trabalho têm por alvo principalmente o corpo, a organização do trabalho, por outro lado, atua no nível de funcionamento psíquico”. Sendo assim, trata-se de compreender o modo complexo que o trabalho afeta o ser humano, seja nos aspectos corporais, seja nos aspectos cognitivos, especialmente quando se trata de trabalhos com alto índice de estresse e periculosidade.

Nesse sentido, não convém pensar o trabalho policial de modo linear, automático e burocratizado. Trata-se, ao contrário de perceber a atuação desse profissional em sua totalidade e complexidade, sistematicamente no contexto das sociedades democráticas, como a brasileira, com número de crimes e corrupção consideravelmente elevado. Sendo assim, não se trata de pensar a posição do policial fora dos fatores reais que a sociedade brasileira impõe.

Com o que já foi dito, não parece exagero dizer que entre as profissões cuja incidência de risco é maior e que pode levar a maiores níveis de estresse, a carreira policial é sem dúvida uma das mais desgastantes. Tal condição se apresenta em função do modo como o sofrimento pode ser produzido, entre essas formas, estão alguns tipos de medo. Como argumentam Minayo e Souza (2003, p.194).

[...] medo relacionado à fragilidade corporal quando exposto a determinada condição de trabalho; medo moral relacionado ao julgamento dos outros; tédio por realizar tarefas desvalorizadas; sobrecarga de trabalho; ininteligibilidade das decisões organizacionais; conflitos entre os valores pessoais e os da organização; dúvidas sobre utilidade social do trabalho realizado; sentimento de injustiça; além do não reconhecimento expresso pela falta de retribuição financeira, moral ou por mérito.

Não é possível deixar de lado o medo como uma causa de sofrimento físico e mental. Ele de fato afeta o ser humano em vários níveis, não podendo ser controlado. Mesmo reconhecendo que o medo é uma característica, no caso dos policiais não se trata apenas do reconhecimento desse aspecto. A questão envolve outras condições próprias à profissão, como por exemplo, os espectros de coragem e sua representação para a sociedade e para a corporação. Tais aspectos são discutidos por Sales e Sá (2016, p. 187) do modo a seguir:

Embora seja difícil determinar o medo nas atitudes corporais dos sujeitos, devido ao seu caráter difuso, há que se constatar o modo como os policiais militares tendem a esconder seu sentimento de medo para não demonstrar fraqueza diante do inimigo, o que seria contrário às expectativas de valentia elaboradas pelos padrões de avaliação social sobre a condição de policial como “soldado”.

Os mesmos autores completam: “Além disso, o medo está em oposição às condições de valentia e coragem requeridas pela socialidade guerreira, que fazem parte da autoimagem do policial no interior de sua corporação” (SALLES; SÁ, 2016, p. 187). Mas outros aspectos devem ser levados em consideração, pois a própria relação do policial militar com os seus pares pode produzir uma imagem distorcida de sentimento como o medo, colocando-o, erroneamente, como algo vergonhoso não só para o policial, mas para toda a corporação. “Assim, ele se relaciona com o imaginário construído em torno da covardia e da vergonha, tanto frente ao mundo civil, quanto ao mundo militar do qual faz parte (SALLES; SÁ, 2016, p. 187)”. Essa dualidade das relações oferece pouco ou nenhuma saída, pelo menos que seja simples. Trata-se de uma situação que exige ao mesmo tempo em que se pensa no policial enquanto ser humano, às vezes até mais do que em suas relações profissionais.

Como é possível perceber, quando se trata da saúde do policial, não é possível discutir apenas os aspectos físicos. É fundamental entender o policial como ser humano que sente que tem vontades e medos e que não é vergonha ter esses sentimentos. Aliás, no cotidiano o medo é um mecanismo necessário ao policial, pois é até mesmo sinal de alerta em determinadas situações, propiciando assim que maiores condições do profissional se manter em segurança, em situações de risco muito acentuadas e reais. Cumpre ainda entender que, não obstante a complexidade e necessidade das suas atividades, o medo não está apenas na contramão da coragem, mas sim com a questão familiar, o medo da morte, o medo das representações sociais. É nesse sentido que essa atividade é tão paradoxal, pois pode, em alguns casos, levar os policiais a terem problemas mentais, muitas vezes graves.

Mas considerando a ambiguidade do medo, deve-se observar segundo Sá; Sales (2016) o medo e os diversos modos como ele se manifesta em cada policial acaba efetivamente tendo efeitos diferentes. Ainda seguindo esses autores, o medo é anterior às situações de crise, pois, provoca, entre outras coisas, o desencantamento pela profissão, leva ao alcoolismo e alguns casos até mesmo ao

suicídio. Tais desdobramentos apontam para uma situação trágica dos policiais militares, condição que poucas pessoas fora do ciclo de convivências desses profissionais conhece, algumas vezes nem mesmo as pessoas mais próximas se atentam a essa angústia.

Sua reverberação tem influência sobre as percepções e as visões de mundo compartilhadas. Gera ansiedade. Leva à angústia. E algumas vezes ao suicídio, tema que é considerado tabu pela corporação. O medo tem uma característica social na medida em que engendra práticas (SÁ; SALLES, 2016, p. 186).

Corroborando o argumento de Sá; Salles (2016) outra autora também argumenta acerca dos sentimentos e comportamentos dos policiais. Segundo Candido (2013) há pelo menos quatro questões pontuais que colaboram para a produção dos estresses nos policiais: as questões de liderança; o conflito de papéis; a violência eminente e o constante estado de pressão. Na sequência Candido (2013) destaca mais aspectos pertinentes de serem problematizados:

Os custos implícitos nesse tipo de profissão são: motivação reduzida, desempenho enfraquecido no trabalho, aumento de rotatividade, consumo potencial e problemas de abuso de drogas, vários tipos de sintomas físicos e mentais e até mesmo suicídio (CANDIDO, 2013, p. 41).

Tais fatores levam à compressão de que no caso dos policiais, a questão da saúde/doença mental não pode ser vista somente a partir de um viés burocrático ou hierarquizado, característica comum das organizações policiais. É preciso deixar de lado os preconceitos em relação aos policiais que por ventura tiveram algum problema, pois, torna-se importante compreender que cada pessoa reage de maneira diferente em situações semelhantes.

Uma das primeiras ações necessárias para o apoio e a colaboração para com o problema, vincula-se ao modo como se administra a visão do policial. Notadamente, a gestão sobre a percepção do policial militar não é tarefa fácil, pois está atrelada ao modo como a sociedade vem constituindo tal imagem. Nesse sentido, como observa Muniz (1999, p. 256).

Administrar a identidade profissional de polícia no embate das relações cotidianas não tem sido uma tarefa existencialmente tranquila para os PMs da ordem pública. A negociação das impressões e expectativas do outro e de si mesmo, comum em qualquer ordem de sociabilidade é, no caso da polícia, um empreendimento delicado, custoso e, em muitos casos, extremamente sofrido.

Tal gestão, como se pode observar está, por um lado, além da corporação, dada maneira como a sociedade analisa os policiais, portanto, uma

alteridade difícil de ser alcançada. Ainda seguindo Muniz (1999) tal condição se torna difícil entre outros fatores por casos de corrupção, violência e arbítrio envolvendo policiais e na narrativa midiática acaba tomando um tom de generalização, atingindo, portanto, a mentalidade dos indivíduos e produzindo uma determinada concepção coletiva da corporação. Por outro, a questão é interna, pois trata justamente do modo como o policial afetado é representado pelo outro policial, uma espécie de alteridades interna, talvez mais fácil de ser reorientada.

Nesse mesmo sentido, tais percepções como afirmam Oliveira; Santos (2010, p. 229) podem acarretar em uma série de riscos a própria atividade cotidiana.

Um dos agravantes do estresse no trabalho do policial pode estar associado à limitação que a sociedade submete pessoas quanto às manifestações de suas angústias, frustrações e emoções. Esse fato fica ainda mais grave no caso do policial, pois, se não há espaço para que tais manifestações sejam reveladas e trabalhadas, então, possivelmente, esses sintomas podem ser prejudiciais diante de uma situação que envolve risco.

Deve-se, portanto, considerar o modo como os policiais reagem a determinadas ações bem como o modo segundo o qual suas ações estão influenciadas ou não por sintomas de estresse ou angústia. Como destacam ainda, Oliveira e Santos (2010, p. 244) “[...] a clareza na atuação e a ação com equilíbrio exige o entendimento de outros fatores que permeiam essa profissão como o cansaço físico e emocional, alterações no sono, o baixo salário, a falta de recursos, entre outros”. Nessa perspectiva, trata-se, de se considerar que muito do que ocorre nas operações pode ser algo produzido por esses fatores, levando o policial às vezes a agir de maneira incoerente em reação ao que determina a corporação e até mesmo as premissas éticas.

Tais fatores certamente influenciarão negativamente a conduta, causando baixa tolerância e falta de controle. Mais uma vez, seria ingênuo não mencionar que muitos são os episódios nos quais a polícia excede-se na sua conduta contra civis. Assim, embora muitos policiais repudiem as ações inapropriadas, estas ainda acontecem com frequência (OLIVEIRA; SANTOS, 2010, p. 244).

Além disso, deve-se considerar que em muitos desses casos os policiais podem estar combatendo algum movimento que seja simpatizante, mas deve agir conforme determina o regimento e a disciplina policial. Sobre esses últimos aspectos, cumpre observar que, como já nos referimos, “Além do rigor disciplinar, o ofício de polícia submete o indivíduo às condições perigosas, que colocam em risco a sua integridade física e podem ocasionar a sua morte ou a morte de outrem [...]”

(PIVA, 2005, p. 103). Isso ocorre muito em função de que no decorrer da carreira o policial necessite de utilizar a “[...] força física para contenção de alguém, o uso de arma de fogo contra o combatido, a condução de veículos em alta velocidade na perseguição do infrator” (PIVA, 2005, p. 103).

Não é possível deixar de lado essas condições nem tão pouco deixar de considerar o modo como elas afetam sistematicamente a conduta do policial. Isso quer dizer que essas condições não demoram a afetar a psique do policial, uma vez que sempre se encontra em situações limite e nem sempre consegue produzir novas formas de subjetivação próprias, nem sempre conseguem tirar coisas positivas dos problemas enfrentados.

Estas circunstâncias desencadeiam o medo, que é uma consequência dos aspectos concretos da realidade, já que o policial assume os riscos relacionados à integridade física e, sobretudo, o risco potencial da sua autonomia subjetiva e moral, razão pela qual a instituição representa para o indivíduo uma ameaça contra si, da mesma forma que os demais perigos inerentes à profissão e independentes da sua vontade. O medo equivale a um sofrimento psíquico decorrente destes paradoxos e ambiguidades que representam o ofício de polícia. Entretanto, o medo, o sofrimento e a fragilidade não se coadunam com o trabalho policial e, diante disso, os indivíduos desenvolvem mecanismos defensivos que mascaram a vivência subjetiva, mas possibilitam a sua sobrevivência na instituição (PIVA, 2005, p. 103-104).

É, portanto, fundamental levar em consideração que antes de qualquer coisa o policial é um ser humano que passa por dificuldades e desafios, mais ainda, que está submetido à uma estrutura que o vilipendia física e mentalmente, todos os dias, seja durante sua jornada de trabalho seja nos seus momentos de lazer. Logo, não se trata de coragem ou falta dela, e sim da compreensão global de que em situações de risco, a eminência de um colapso é maior, e que é preciso que se apoie o profissional que porventura passe pelo problema.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que observamos até aqui é que não há como negar que de fato o cotidiano dos policiais militares afeta diretamente a sua saúde mental. Quanto se diz cotidiano, não se trata apenas da corporação, mas de toda uma estrutura social que acaba refletindo também nas atividades e comportamento com os familiares. Neste último aspecto, pode-se dizer que há uma série de problemas como a falta de se

relacionar com mais frequência com os filhos, os pais e com as esposas e esposos, fragilizando assim o matrimônio.

Isso ocorre porque, conforme destaca Batista (2011) a própria escala de trabalho dos policiais afeta os rituais mais comuns que geralmente ocorrem nas famílias.

O horário de trabalho também transtorna a estabilidade de relacionamentos que necessitam de rituais, como refeições em família, passeios, brincadeiras, etc. Os policiais, em regime de escalas diversas, têm menos chances de desenvolverem essas relações, o que os predispõem a problemas em potencial, como divórcio, separação, dificuldade de acompanhamento e relacionamento com seus filhos, entre inúmeros outros exemplos (BATISTA, 2011, p. 20).

Outro aspecto que é de extrema importância para a manutenção da saúde física e mental é sem dúvida o sono. “O sono é essencial para que o indivíduo apresente uma boa aparência e se sinta bem. Quando o sono é bom, há a sensação de descanso, energia. Quando é ruim, tudo é péssimo, da capacidade física à mental” (BATISTA, 2011, p. 20). Na medida em que sono não coordenado tanto em função das escalas noturnas quanto em função de outras condições, o policial militar tende a apresentar quadros de desgaste em função da falta de sono.

Deve-se, portanto, considerar que os fatores estressores são amplos e complexos, dado que nem sempre as pessoas acometidas têm consciência dos problemas pelos quais estão passando. Considerando que o homem é um ser de inter-relações, é necessário considerar que os fatores que levam às diferentes formas de manifestação do estresse estão ligados tanto aos aspectos sociais quanto também aos biológicos. Nesse sentido, como argumenta Nicolau (2009, p. 5).

Na concepção de que o homem é um ser biopsicossocial, identificamos vários fatores que interagem causando problemas, segundo tal perspectiva. Nesse sentido, já se sabe que, por razão dos fatores biológicos, a reação ao estresse tem forte componente genético, além de depender da reatividade do sistema nervoso autonômico, e é influenciada por aspectos biológicos de gênero.

Observa-se que a questão do estresse não está vinculada apenas a uma demanda da profissão, mas pode ser potencializada em função de atividades como as exercidas pelos policiais militares, especialmente em função das predisposições genéticas de cada indivíduo.

Ainda Nicolau (2009), na sequência de seu argumento, mostra que o modo como se representa os fatores estressores podem interferir no paciente:

Temos, ainda, os fatores psicológicos que nos orientam quanto à interpretação dos eventos estressantes, e têm papel determinante em como se responde ao estresse. Assim, a pessoa é levada a ver ou não o estressor como uma ameaça ou ainda a perceber os eventos estressores sociais como controle e protetores contra o estresse (NICOLAU, 2009, p. 5).

Nessa perspectiva, pode-se dizer como já se observou que no topo das condições está o medo, pois, ele se processa como o resultado de outros aspectos. Aqui deve-se observar que não há consenso quanto aos principais mecanismos que compõem o medo, fato é que, no caso dos policiais militares, está o medo da perda da vida, o sentimento de insegurança constante no qual se encontra. Além disso, não há como negar que o medo de que os familiares sejam afetados, também leva a alguns aspectos de degradação da saúde mental. Segundos Mendes (2013, p. 21).

[...] submetido à exposição constante a agentes estressores relacionados ao seu fazer profissional, o sujeito apresenta maior vulnerabilidade, de modo a comprometer sua resposta à demanda do trabalho, podendo vir a desenvolver respostas patológicas, geralmente identificadas como irritabilidade, nervosismo, humor deprimido, dentre outros.

Tais aspectos são muito mais comuns de serem evidenciados nos profissionais da polícia militar, pois, mesmo diante de situações limite, não podem, como destaca Mendes (2013) preterir a responsabilidade que é manter o bem-estar da sociedade. Isso, ao mesmo tempo em que se mostra coerente com suas ações, sem ser desarmônico, mantendo a população calma e controlada, para que outros conflitos não se produzam.

No tocante aos aspectos que colaboram para que os policiais passem por essa situação, como também lembra Sá; Salles (2016), não se pode deixar de lado a análise de como a sociedade produziu uma determinada representação pejorativa dos policiais contrapondo-se, em certa medida, ao modo como os companheiros da corporação representam a si mesmo e aos policiais afetados. Tais aspectos estão vinculados à rígida disciplina que a corporação impõe sobre os policiais.

Mais ainda, cumpre considerar que muitos desses problemas estão articulados com a desvalorização dos policiais, uma vez que esses têm remuneração relativamente mais baixa que outras categorias. Isso pode levar a outras condições de medo e estresse, dado que, ao estarem na linha de frente, arriscando suas vidas. “A principal função da polícia ostensiva, por exemplo, é o combate à criminalidade. Então, pode-se dizer que estes policiais lidam diretamente com a violência e, portanto, exercem uma atividade que envolve riscos à vida e à

saúde” (MENDES, 2013, p. 33), nem sempre tem as condições financeiras para manter a dignidade de suas famílias, tendo que lidar constantemente com chantagens e tentativas de subornos. A questão central e problemática nesse contexto é justamente o tamanho da cobrança que recai sobre os policiais, pois,

Atualmente, cobra-se insistentemente a habilidade de improvisação, a iniciativa, a criatividade e o bom discernimento dos policiais, estando em suas mãos e sob sua responsabilidade a capacidade de intervir em diferentes situações, muitas delas emergenciais, envolvendo risco de vida. O policial tem que aprender para lidar com os imponderáveis que compõem a realidade do seu ofício, pois ele é cobrado pelos diversos setores da sociedade a atuar prontamente em meio às precárias condições de trabalho (SÁ; SALES, s/d, p. 7).

Nota-se, portanto, como já argumentaram Oliveira; Santos (2010), que a angústia e o medo que acometem os policiais militares estão também fundamentados nos novos arranjos sociais cada vez mais violentos, bem como com o surgimento de novas formas de crime e da própria criminalização dos policiais. Daí, o cuidado e a vigilância constante aos quais os policiais devem se submeter, tendo apenas raríssimos momentos de distração e divertimento efetivamente livres da pressão que passam todos os dias.

Conforme argumenta, acertadamente, Humberto Henrique Mendonça de Melo, no seu texto *O impacto do trabalho operacional na saúde mental do Policia Militar em Goiás*, é necessário diagnosticar o modo como o trabalho cotidiano dos policiais afetam suas vidas, sua saúde mental, bem como suas relações familiares de modo geral. Isso, por que, se trata de uma profissão cujo desgaste físico e mental é irrefutável:

O policial militar a todo o momento é exposto a diversas pressões, como tiroteio, ações seguidas de morte, pressões rotineiras da hierarquia, a complexa relação entre o policial e a sociedade, as rigorosas Jornadas de trabalho [...], as tensões durante uma ocorrência policial. Fatores estes, que requer do militar um enorme controle de suas emoções, gerando assim, um esgotamento mental, corroborando, em consequência, para um desencadeamento de uma doença psíquica prejudicial à saúde mental (MELO 2015, p. 9).

Reconhecendo esses fatores, não é possível mais deixar de lado a importância de se pesquisar de modo mais sistemático a saúde mental dos policiais militares, de fazer um mapeamento das principais causas do afastamento, dos problemas, das angustias, uma vez que não é viável manter na linha de frente do estado mental fragilizado.

Assim, a saúde mental do policial militar afetada, o leva a má prestação de serviços perante a sociedade, acarretando, assim, uma relação precária entre a Polícia Militar e a população, eis que, o militar é o representante da Instituição em estudo. Ademais, com a saúde prejudicada, o número de faltas, atestados médicos, licenças aumentará de forma exorbitante, ocorrendo prejuízos para a Administração Pública (MELO 2015, p. 9).

Manter o policial em atividade com a saúde mental desgastada, além de não ser uma postura ética, pode acarretar em prejuízo para a corporação não só do ponto de vista financeiro, mas também do ponto de vista de algumas ações, pois um profissional sem condições de trabalho pode prejudicar ações especiais e táticas.

Tendo isso em vista, reconhecendo que os policiais militares não são super-heróis e sim seres humanos que atuam em uma atividade das mais desgastantes possíveis, as próprias organizações policiais têm trabalhado no sentido de esclarecimento e acolhimento dos policiais. No caso da Polícia Militar do Estado de Goiás, por exemplo, em 2017 realizou o 1º seminário para discutir essa questão tão séria. Segundo as informações no site Hospital a Polícia Militar: “A importância de se falar de saúde mental como fator de prevenção e a capacidade de colegas e superiores que convivem com policiais militares de ajudarem na identificação precoce de casos que podem levar ao adoecimento mental” (HPM, 2017).

Citando o que os especialistas dizem sobre a questão, a matéria traz informações pertinentes destacando que qualquer cidadão pode ter algum desses problemas. Mas destacou que quanto aos policiais isso pode ser recorrente, pois a profissão é permeada por muitos outros aspectos.

[...] fatores como os sentimentos de falta de reconhecimento, de desvalorização, assim como a sensação de abandono e de impotência frente a eventos traumáticos, são muito comuns na atividade do policial. Esta pressão sobre o indivíduo da classe militar pode disparar com mais frequência gatilhos, defesas comuns ao organismo, como estresse, síndrome de Burnout (sensação de esgotamento profissional), transtorno do estresse pós-traumático, dependência química, depressão, ansiedade, fobias, atuação suicida (HPM, 2017).

Considerando isso, pode-se dizer que a Polícia Militar do Estado de Goiás tem feito um trabalho promissor, cujo resultado sem dúvida será um prolongamento da vida afetiva e emocional dos policiais. De modo que a efetivação e eficácia das atividades dos policiais, das mais simples às mais complexas possam ocorrer de modo mais qualitativo possível.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, discutimos quais os principais motivos estruturais e sociais que podem provocar o adoecimento mental dos policiais militares. Dentre esses aspectos, observa-se que a questão do medo e as suas implicações em várias situações do cotidiano profissional e familiar do policial, tem provocado uma série de sintomas de problemas mentais, desde os mais leves até os mais graves.

Mesmo sendo comum a ocorrência de desgaste mental em praticamente todos os profissionais, esta pesquisa mostra que no caso dos profissionais da segurança pública estão suscetíveis a esse desgaste. Mais especificamente os policiais militares, dada a característica da profissão, majoritariamente vinculada com o combate às linhas de violência, estando na linha de frente dos conflitos, os problemas mentais são mais comuns. Tais aspectos justificam-se entre outras coisas em função da forte pressão que esses profissionais sofrem tanto das corporações quanto da própria sociedade, para a qual o papel do policial é ainda estigmatizado e dubio.

Finalmente, pode-se dizer que o policial militar, mesmo estando combatendo cotidianamente a criminalidade, a violência, o tráfico entre outros, não deixou de ser um ser humano, que sente medo. Não convém, como mostra esta pesquisa, construir uma imagem de super homem em torno do policial. É preciso sim, para manter a saúde mental, destacar a sua importância para a ordem social, ao mesmo tempo em que é fundamental cuidar do indivíduo que sente que se emociona e que sente medo.

5 REFERÊNCIAS

BATISTA, Jany Falkner. **Transtorno psicológico/saúde mental na PMGO: abordagem necessária de alguns aspectos importantes**. 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/bitstream/123456789/439/25/Transtorno%20Psicol%C3%B3gico/Sa%C3%BAde%20Mental%20na%20PMGO%3A%20Abordagem%20Necess%C3%A1ria%20de%20Alguns%20Aspectos%20Importantes%20-%20Jany%20Falkner%20Batista%20e%20N%C3%BAcio%20Guedes%20da%20Paix%C3%A3o.pdf>

CANDIDO, Paula Emanuela Fernandes. **Trabalho e saúde mental em policiais militares de Palhoça (SC)**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Engenharia

da Produção, Florianópolis, 2013. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122601/326549.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

DEJOURS, C , ABDOUCHELI, E., JAYET, C. **A psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**; Coordenação Maria Irene Stocco Betiol. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações**. In: CHANLAT, J.F. (Coord.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 3. ed. v. 01. São Paulo: Atlas, 1996.

_____. **A banalização da injustiça social**. 3º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

HOSPITAL DA POLICIA MILITAR DE GOIÁS <http://hpm.org.br/#>

MELO, Humberto Henrique Mendonça de. **O IMPACTO DO TRABALHO OPERACIONAL NA SAÚDE MENTAL DO POLICIAL MILITAR EM GOIÁS: UM ESTUDO DO CAS EM 2015**. Disponível em: <https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/bitstream/123456789/417/66/O%20Impacto%20do%20Trabalho%20Operacional%20na%20Sa%C3%BAde%20Mental%20do%20Policial%20Militar%20em%20Goi%C3%A1s%3A%20Um%20Estudo%20do%20CAS%20em%202015%20-%20Humberto%20Henrique%20Medon%C3%A7a%20de%20Melo.pdf>

MENDES, Evaristo de Oliveira. **A saúde psicossocial na segurança pública brasileira**. Rio de Janeiro. Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra, 2013.

MINAYO, C. S.; SOUZA, E. R. **Missão Investigar: Entre o ideal e a realidade de ser policial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MUNIZ, Jacqueline de Oliveira. **"SER POLICIAL É, SOBRETUDO, UMA RAZÃO DE SER": Cultura e Cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1999. Tese de Ciências Políticas - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

NICOLAU, Álvaro Antônio. **Ensaio sobre o sofrimento psicológico de policiais**. In.: *FGR em revista*, Belo Horizonte, ano 3, n. 4, ago. 2009. p. 45-57.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Luana Minharo dos. **Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 12, no 25, set./dez. 2010, p. 224-250

PIVA, Luciana. **TRABALHO E SOFRIMENTO PSÍQUICO: Um estudo de caso com Policiais Militares**. Assis- SP, UNESP, 2005. Dissertação de Mestrado em Psicologia.

SALES, Larissa Jucá de Moraes; SÁ, Leonardo Damasceno de. **A condição do Policial Militar em atendimento clínico: uma análise das narrativas sobre adoecimento, sofrimento e medo no contexto profissional**. In.: *Repocs*, v.13, n.25, jan/jun. 2016, p. 182-206.

SALES, Larissa Jucá de Moraes; SÁ, Leonardo Damasceno de. **Medo, sofrimento e doença: análise da trajetória de policiais militares em situação institucional de atendimento clínico no Ceará**. 35º Encontro Anual da Anpocs.